



**FERNANDA YUKARI KAWAI**

**REFLEXÕES SOBRE A RELAÇÃO MÃE E FILHA E SUAS POSSÍVEIS  
IMPLICAÇÕES NA TRANSMISSÃO DA FEMINILIDADE E  
AUTOESTIMA DE UMA MULHER: Uma visão psicanalítica**

**Cuiabá/MT  
2023**

**FERNANDA YUKARI KAWAI**

**REFLEXÕES SOBRE A RELAÇÃO MÃE E FILHA E SUAS POSSÍVEIS  
IMPLICAÇÕES NA TRANSMISSÃO DA FEMINILIDADE E  
AUTOESTIMA DE UMA MULHER: Uma visão psicanalítica**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Departamento de Psicologia, da FASIPE Cuiabá - MT, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof. Esp. Diego Anizio da Silva

**Cuiabá/MT  
2023**

**FERNANDA YUKARI KAWAI**

**REFLEXÕES SOBRE A RELAÇÃO MÃE E FILHA E SUAS POSSÍVEIS  
IMPLICAÇÕES NA TRANSMISSÃO DA FEMINILIDADE E  
AUTOESTIMA DE UMA MULHER: Uma visão psicanalítica**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Psicologia da Faculdade de Cuiabá - FASIPE CPA, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

---

**DIEGO ANIZIO DA SILVA**  
Professor Orientador  
Departamento de Psicologia –FASIPE

---

**LEONÇO ALVARO COSTA FILHO**  
Professor Avaliador  
Departamento de Psicologia – FASIPE

---

**LUCAS GUERRA DA SILVA**  
Professor Avaliador (Convidado)  
Faculdade Invest de Ciências e Tecnologia em Cuiabá

---

**JÔSE GUEDES VIEIRA**  
Coordenadora do Curso de Psicologia  
Departamento de Psicologia –FASIPE

**CUIABÁ/MT**  
**2023**

## **AGRADECIMENTOS**

- Primeiramente a Deus por ter me guiado até aqui.
- Aos meus queridos pais, que me ensinaram, acima de tudo, a importância dos estudos e o valor do conhecimento.
- Ao meu amado noivo, pelo seu amor, sua paciência, compreensão, infinito apoio e incentivo ao longo desta jornada.
- Ao meu querido professor orientador, que me orientou de forma tão atenciosa trazendo importantes contribuições para obter êxito neste trabalho.
- Aos demais professores, do curso de graduação de Psicologia. Em especial aos professores Diego Anízio, Lucas Guerra e Jaqueline Mendonça por terem, de forma brilhante, plantado a sementinha da Psicanálise em meu ser.
- As minhas queridas amigas, em especial Adrieli Vasconcelos e a Rosemary Correa, por terem sido minhas companheiras nesta caminhada acadêmica; sobretudo por podermos compartilhar juntas as angústias dos caminhos não tão fáceis da psicanálise.

**EPÍGRAFE**

“...inquieta e caprichosa,  
inconstante como a cera líquida que está  
sempre pronta para mudar de forma  
de acordo com o selo que a imprima;  
instável e mutante como a copa de uma árvore  
agitada pelo vento...”

(Silvia Ons)

Assim são as mulheres.

KAWAI, Fernanda Yukari. **Reflexões sobre a relação mãe e filha e suas possíveis implicações na transmissão da feminilidade e autoestima de uma mulher: Uma visão psicanalítica.** 2023. 40 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade Fasipe Cuiabá - FASIPE

## RESUMO

A relação que uma menina possui com sua mãe reflete de forma substancial no seu processo de tornar-se mulher. Esta pesquisa, de natureza básica e de abordagem qualitativa, tem como objetivo geral analisar, a partir dos referenciais teóricos da Psicanálise de Freud e Lacan, quais as implicações que a relação mãe-filha possuem na transmissão e na constituição da feminilidade da mulher. Para tanto, o método de pesquisa utilizado foi o estudo bibliográfico. Os estudos demonstraram que esta relação mãe-filha, não se dá de forma totalmente pacífica e livre de conflitos; sendo os mesmos essenciais para o processo de individualização da filha no solitário e enigmático caminho de elaboração da sua própria feminilidade.

**Palavras chave:** Feminilidade. Filha. Mãe. Psicanálise.

## ABSTRACT

The relationship that a girl has with her mother substantially reflects on her process of becoming a woman. This research, of a basic nature and with a qualitative approach, has the general objective of analyzing, based on the theoretical references of Freud and Lacan's Psychoanalysis, what implications the mother-daughter relationship has in the transmission and constitution of women's femininity. To this end, the research method to be used is bibliographic study. Studies have even demonstrated that this mother-daughter relationship does not occur in a completely peaceful and conflict-free manner; They are essential for the process of individualization of the daughter in the solitary and enigmatic path of elaborating her own femininity.

**Keywords:** Femininity. Daughter. Mother. Psychoanalysis.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>1.1 Justificativa .....</b>	<b>9</b>
<b>1.2 Problematização.....</b>	<b>10</b>
<b>1.3 Objetivos .....</b>	<b>10</b>
1.3.1 Objetivo Geral .....	10
1.3.2 Objetivos Específicos .....	10
<b>2. 2. REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>12</b>
2.1 Os primórdios da Psicanálise e sua ligação com a feminilidade .....	12
2.2 A constituição do sujeito e a relação com a figura materna.....	12
2.3 O complexo de Édipo e a angústia da castração.....	12
2.4 A importância da fase pré-edípica para a menina.....	20
2.5 Teorização freudiana acerca da sexualidade feminina e da feminilidade.....	22
2.6 Os efeitos da relação mãe-filha na construção da autoestima da menina.....	25
<b>3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>29</b>
3.1 Tipo de Pesquisa .....	29
3.2 Técnicas de Coleta e Análise dos Dados.....	30
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>	<b>32</b>
4.1 Categoria A: Constituição do sujeito.....	32
4.2 Categoria B: Complexo de Édipo, relação mãe e filha e o pré-Édipo.....	33
4.3 Categoria C: Feminilidade na psicanálise.....	33
4.4 Categoria D: Autoestima e imagem pessoal.....	34
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>38</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A família ocupa um lugar fundamental na estruturação do psiquismo de uma criança, exercendo uma importância decisiva na formação da personalidade desta enquanto adulto. A figura materna, principalmente, desde os primitivos vínculos com seu bebê possui uma função primordial estruturante no desenvolvimento deste indivíduo. Assim como Freud afirmou em seu texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, de 1905, o seio materno constitui-se como paradigmático, ou seja, como modelo, para todo o vínculo de amor de um ser humano.

Muitas vezes encarada como um processo natural da vida, a maternagem é profundamente estudada na psicanálise em todas as suas particularidades e percalços. A psicanálise compreende que mulher e mãe não são sinônimos, muito pelo contrário, são duas constituições totalmente diferentes, com implicações psíquicas distintas.

A presente pesquisa tem por objetivo realizar um estudo, a partir de Freud e Lacan, sobre a constituição da feminilidade e sobre a relação mãe-filha. Para tanto a análise pautou-se em investigar temas como a feminilidade, estudos da constituição psíquica do sujeito, conceitos de alienação e separação, a autoestima, o estágio do espelho, eu ideal e ideal de eu, constituição do sujeito, a relação mãe-filha. Verificou-se o papel fundamental e estrutural que este vínculo possui nesta relação que diz respeito ao feminino. Outros conceitos teóricos estudados foram o complexo de Édipo e de complexo de castração, em especial o pré-Édipo nas meninas, dada a sua importância para a compreensão da feminilidade.

Estudar a relação mãe-filha é buscar compreender melhor esta dupla montagem que a mulher precisa construir ao longo da vida, alicerçadas na compreensão do inconsciente e da pulsão. Ao se tratar da relação mãe-filha, especificamente, compreende-se a importância maior que a mãe possui para a menina, do que para o menino, na formação do psiquismo e constituição de seu ser. É dela que a menina espera receber maiores significantes que um dia a constituirão, também, como mulheres.

Deste modo, este trabalho tem como objetivo geral analisar, a partir dos referenciais teóricos da Psicanálise, quais as implicações que a relação mãe-filha possui na transmissão e

na constituição da feminilidade da mulher. Tendo como norte a questão problema: “Como uma mulher constitui sua feminilidade a partir da qual, um dia, a filha constituirá a sua?”.

De acordo com os estudos, verifica-se que a influência materna sobre a filha é tão forte que determina o futuro do investimento libidinal de uma mulher. Para Freud muitos distúrbios nos futuros relacionamentos amorosos das mulheres podem ter origem no primeiro vínculo de amor primordial entre uma mãe e sua filha. Assim, pela ausência e falta do falo, a menina sente inveja, restando a ela três saídas possíveis: a inibição sexual ou neurose, complexo de masculinidade e a feminilidade normal.

Desta relação arcaica com a mãe, esta constitui-se para a menina tanto como objeto de identificação primário quanto secundário. É a mãe quem primeiro introduz a pulsão libidinal em seu bebê menina, deixando nela os traços inconscientes para que no futuro possa desfrutar adulta sua sexualidade feminina.

## **1.1 Justificativa**

A importância deste estudo justifica-se por diversos motivos; investigar as particularidades da relação que se estabelece entre a mãe-filha possibilita compreender melhor importantes questões acerca do universo feminino como: a relação da mulher com sua própria identidade, com seu próprio corpo, com sua feminilidade, com a sua própria maternidade, com seu próprio desejo, com seu investimento libidinal diante da vida e a maneira que constitui seus relacionamentos afetivos. Questões estas, que cotidianamente são levadas à clínica como material de análise.

Ao compreender a importante contribuição teórica que a Psicanálise traz sobre todo o universo simbólico por trás da constituição do sujeito detentor de uma instância inconsciente, bem como das suas escolhas, identificações na vida e de seu desejo (SCOTTI, 2012); verifica-se a necessidade de lançar um olhar acurado sobre como o sujeito se constitui enquanto mulher, a partir do seu principal referencial simbólico feminino, sua mãe.

Percebe-se, também, a necessidade de lançar um olhar mais profundo sobre certas questões “normatizadas”, como por exemplo a compreensão do processo de maternagem como algo “natural” para a mulher, que por sua vez deveria encará-la de forma fácil, simples e sem grandes prejuízos do ponto de vista psíquico da constituição de seu ser.

Segundo Zalcberg (2003), o estudo da relação mãe-filha, especificamente, não é um tema muito encontrado na literatura psicanalítica clássica; haja vista a grande importância dada por Freud à configuração simbólica do falo e a primazia masculina sobre a formulação do

complexo de Édipo. Contudo, a importância do estudo acerca da feminilidade é de tamanha importância, que remete aos primórdios da psicanálise.

Como afirmam diversas autoras psicanalistas (SAMICO, 2011; ZALCBURG, 2003; VALDIVIA, 1997) o surgimento da clínica psicanalítica só foi possível a partir da escuta atenta ao discurso das históricas, as primeiras pacientes de Freud, no final do século XIX.

A partir do estudo psicanalítico esta pesquisa tentou elucidar questões e dilemas inerente às mulheres, que estão para além de uma ordem biológica e tem suas raízes implicadas no vínculo simbólico estabelecido entre mãe e filha e sua constituição enquanto sujeito.

Deste modo, o presente estudo justifica-se, também, pela oportunidade que eu mesma disponho de aprofundar os conhecimentos teóricos adquiridos no decorrer do curso da graduação; bem como, pela oportunidade de como sujeito filha, mulher, futura mãe e futura psicóloga, poder aplicar esses conhecimentos no meu dia a dia.

## **1.2 Problematização**

A problemática central deste trabalho de conclusão de curso está em analisar as dimensões complexas presentes na relação mãe-filha, tendo em vista as particularidades presentes nesta relação específica, no que se refere à identificação feminina com o objeto faltante.

Diante disso, a questão problema que norteia a pesquisa é: qual a influência estabelecida na relação entre mãe e filha no processo de constituição da filha enquanto sujeito, da transmissão da feminilidade e dos impactos na sua autoestima?

## **1.3 Objetivos**

### **1.3.1 Geral**

O objetivo geral da pesquisa é analisar, a partir dos referenciais teóricos da Psicanálise de Freud e Lacan, quais principais implicações que a relação mãe-filha possui na transmissão e na constituição da feminilidade e autoestima de uma mulher.

### **1.3.2 Específicos**

Os objetivos específicos são:

- Analisar o processo de constituição do sujeito, concebido através do viés teórico psicanalítico.

- Realizar um breve estudo referente à feminilidade ao longo da literatura de Freud e Lacan.
- Levantar na bibliografia psicanalítica de Freud e Lacan os estudos referentes à relação mãe-filha.
- Elucidar o processo de castração vivido pelas meninas.
- Investigar como os atritos da relação mãe-filha culminam para o processo de individuação dos sujeitos.
- Compreender o lugar privilegiado que a figura materna, enquanto mulher e mãe, ocupa no processo de feminilização e da filha e na construção da autoestima da mesma.

## 2. REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 Os primórdios da Psicanálise e sua ligação com a feminilidade

Sigmund Freud (1856-1939) responsável por alterar radicalmente o modo de pensar a vida psíquica no século XIX, precisou enfrentar continuamente duras críticas de sua teoria ao longo do seu percurso de criação; visto que abordava temas polêmicos e tabus para a sociedade da época, como a ideia do incesto, da existência de uma sexualidade infantil primitiva e do enigma da sexualidade feminina (SALIM, 2010).

Segundo afirma Ons (2018, p.19), não foi à toa que as teorias de Freud impactaram de forma tão significativa o mundo. Com o desenvolvimento da psicanálise Freud foi responsável por levantar uma das três maiores descobertas que feriram o “amor-próprio” da humanidade, depois de Copérnico e Darwin, conforme cita a autora:

Copérnico mostrou que a Terra não era o centro do universo e, assim, abalou a pretensão do homem de se sentir dono desse mundo. Darwin pôs fim à arrogância humana de criar um abismo entre sua espécie e o restante dos animais. No entanto, nem a afronta cosmológica nem a afronta biológica foram tão sentidas pelo narcisismo como a afronta psicológica. Porque a psicanálise ensina que o ego, não só não é dono do mundo, nem da espécie, como também não é senhor em sua própria casa (ONS, 2018, p.19).

Como suas descobertas e teorias sobre a existência de uma instância psíquica e inconsciente dominante eram algo inédito naquela época, inicialmente, Freud precisou explorar a si mesmo continuamente por meio da autoanálise. Teve como foco a interpretação de seus próprios sonhos, suas lembranças, seus lapsos e os esquecimentos para criar este novo campo de saber que ficou conhecido como Psicanálise (SAIGH, 2007).

Foi a partir de 1897 que ele passou a conduzir suas autoanálises de maneira mais rigorosa e sistemática. Para isso, Freud contou com seu amigo mais próximo, o médico Fliess, com quem frequentemente trocava cartas sobre suas descobertas. Segundo Saigh (2007), esse período de correspondências abrangeu um período de dezessete anos, cujo material se tornou uma importante fonte documental das suas teorias, pois neste período ele escreveu trabalhos fundamentais como o caso clínico de Dora (1905) e A interpretação dos sonhos (1900-1901).

Contudo, não foi apenas por meio de suas auto análises e através das cartas que trocava com Fliess, que a Psicanálise se constituiu. Foi principalmente por meio da escuta flutuante ao qual direcionou ao discurso associado livremente de suas pacientes histéricas que Freud pôde fazer surgir a posição do analista.

Esta posição de analista era algo inédito pois diferenciava-se da posição de médico, que ele ocupava anteriormente. Enquanto médico, sua função envolvia uma escuta ativa investigativa e diagnóstica; porém, como analista atendeu ao pedido de suas pacientes histéricas de apenas escutá-las livremente; desenvolvendo a regra fundamental e única da psicanálise: a associação livre.

Assim surge, a criação da clínica psicanalítica na qual, uma pessoa se propõe a falar livremente em associação e a outra se propõe a ouvir também livremente, sem buscar sentido ou soluções, se munindo apenas de uma atenção flutuante “sem privilegiar nenhum elemento do discurso deste e deixando que sua própria atividade inconsciente entre em ação” (ROUDINESCO, 1998, p.38).

Conforme Zalcberg (2003, p.18) afirma, “a histeria possibilitou não apenas a existência de uma clínica freudiana como também o nascimento de um novo olhar sobre a feminilidade”. Anteriormente, o fenômeno da histeria era visto de forma pejorativa e as mulheres acometidas pela paralisia histérica eram julgadas como mentirosas, exageradas e dissimuladas. Foi possível observar a partir dos estudos sobre a histeria a existência de uma instância psíquica predominante, nas quais o sintoma da histérica representava uma via pela qual a verdade subjetiva era expressa por meio das manifestações sintomáticas.

Segundo Samico (2011), no final do século XIX em seus estudos e investigações sobre a histeria, Freud observa que a paralisia histérica não seguia princípios anatômicos e neurológicos, estando ligada a um aparelho diferente. Durante sua análise clínica, ele identificou que a paralisia histérica surgia quando a representação psíquica da parte do corpo paralisada estava, inconscientemente, associada a um trauma afetivo. As histéricas, assim, revelavam a existência de um corpo pulsional. Mais do que apenas um organismo físico; ele também é concebido como uma construção psíquica.

O conceito de pulsão, introduzido por Freud na obra *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), é um dos conceitos centrais da teoria psicanalítica que auxiliam a compreender as principais raízes dos conflitos psíquicos. Como afirma Jorge (2021, p. 20): “Com a pulsão, na verdade, Freud introduz um conceito radicalmente novo para abordar a sexualidade humana e sem o qual, esta, restaria inteiramente enigmática”. Logo, esta descoberta foi fundamental, pois serviu para estruturar a base de toda a teoria freudiana da sexualidade.

O conceito de pulsão é fundamental para a compreensão das dinâmicas psicológicas e do desenvolvimento da teoria da sexualidade na psicanálise freudiana. A palavra foi escolhida para diferenciar as forças psicológicas humanas das tendências e instintos animais, destacando a especificidade do psiquismo humano (JORGE, 2021).

Segundo Roudinesco (1998), Freud começou a empregar o termo a partir de 1905, na qual sua definição era compreendida como uma carga energética que está na origem da atividade motora do organismo e do funcionamento psíquico inconsciente do ser humano. Neste contexto, a ideia de pulsão está intrinsecamente ligada aos conceitos de libido e narcisismo, que juntos constituem importantes eixos teóricos da teoria freudiana.

Freud desenvolve sua teoria a partir da sua experiência clínica de escuta dos pacientes neuróticos em análise, sobretudo das suas pacientes histéricas. Dessa forma, Freud se baseou na ideia da existência de uma sedução e de um “trauma sexual infantil”, através da escuta de uma existência das fantasias sexuais nas suas pacientes histéricas.

Faz-se necessário destacar a diferença que a Psicanálise postula acerca do conceito de sexualidade e do desejo sexual como algo distinto da ideia de genitalidade, ou seja, a sexualidade atrelada apenas à reprodução.

De acordo com as ideias apresentadas por Freud em *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), o conceito de sexualidade na psicanálise vai além das configurações anatômicas dos corpos. Freud argumenta que a sexualidade não está restrita à genitalidade e à reprodução, por isso, diferenciando-se dos outros animais. Ele destaca que a principal característica da sexualidade humana é a busca pelo prazer e satisfação, que se estende por todo o corpo, não se limitando apenas aos órgãos genitais (SAMICO, 2011).

Além disso, a teoria Freudiana da sexualidade foi revolucionária, pois revela a existência de uma sexualidade desde o nascimento do bebê. A revolução freudiana demonstra que a sexualidade está presente desde o nascimento do ser humano e que o gozo sexual faz parte do aparelho de linguagem, permitindo que o objeto de satisfação sexual possa ser qualquer um ou qualquer objeto.

Como afirma Cohen (2004, p.20) “há uma forma de gozar também com o próprio uso da palavra. O homem capaz de substituir, de metaforizar, constata que o objeto para satisfação sexual pode ser qualquer um”. Assim, introduz-se a ideia de que o uso da palavra também pode ser uma fonte de prazer sexual, uma vez que a capacidade de metaforizar, fantasiar, abstrair e substituir é uma característica intrínseca dos seres humanos.

Samico (2011, p.20) corrobora com esta ideia, afirmando que a “transitoriedade do objeto que é eleito para a satisfação sexual” nos seres humanos é o que marca a singularidade

da sexualidade humana, e é que a afasta totalmente do movimento sexual instintual que ocorre nos demais seres do reino animal. Não sendo, portanto, a sexualidade sinônimo apenas de procriação e reprodução da espécie.

Em sua obra clássica “Além do princípio do prazer”, Freud (1920) estabeleceu de forma mais contundente o conceito de pulsão a partir da dualidade das Pulsão de Vida (Eros) e Pulsão de Morte (Tanatos). Neste livro, Freud (1920) explora ideias relacionadas à pulsão de morte, que representam uma força autodestrutiva, o desejo de retornar a um estado inorgânico; e que estão em oposição às pulsões de vida, que buscam a preservação e a continuidade da vida. Este é um dos conceitos de grande relevância da teoria psicanalítica e tem um impacto significativo na compreensão das dinâmicas psicológicas e do comportamento humano.

Segundo Guimarães (2013), Freud ao construir a sua teoria sobre a sexualidade infantil sobre o desenvolvimento psíquico e sexual dos meninos e das meninas, destacou um dos seus estudos sobre a sexualidade feminina no texto chamado “Feminilidade”. Neste texto Freud faz comparações entre as características físicas e psíquicas de meninos e meninas, e encontra no complexo de Édipo o marco da feminilidade.

Em “Feminilidade”, de 1933, um dos seus últimos textos, Freud retoma alguns conceitos discutidos em seus textos anteriores acerca da sexualidade feminina, procurando identificar características exclusiva a elas. Ele destaca a necessidade de uma compreensão mais profunda da constituição sexual e psíquica das mulheres, uma vez que considera a dos homens menos complexa. Freud realiza comparações entre meninos e meninas e identifica o complexo de castração como um marco na diferenciação em relação à feminilidade. Além disso, ele valoriza o período pré-edípico das meninas, sugerindo que distúrbios nos futuros relacionamentos amorosos das mulheres podem ter origem nos primeiros vínculos entre mãe e filha.

Diversas autoras (VALDIVIA, 1997; ZALCBERG, 2003; SAMICO, 2011; SILVIA, REY, 2011; GUIMARÃES, 2013) que estudam a sexualidade feminina na psicanálise destacam a importância da compreensão do período pré-edípico para o encaminhamento da menina na construção do seu processo de tornar-se mulher.

## **2.2. A constituição do sujeito e a relação com a figura materna**

Conforme Elia (2004, p.31), para a psicanálise o sujeito “se constitui, não ‘nasce’ e não se ‘desenvolve’”. A constituição do sujeito está intrinsecamente ligada à sua inserção na ordem social, sendo a família ou os substitutos sociais e jurídicos essenciais para esse processo. Para que o ser da espécie humana sobreviva, logo após o seu nascimento, precisa obrigatoriamente

receber os cuidados de um adulto próximo. Freud chamou essa condição de desamparo fundamental, indicando a necessidade de intervenção externa para garantir a sobrevivência do ser humano desamparado.

Deste modo, a constituição do sujeito não se dá somente pela via biológica. Ela está, também, intrinsecamente ligada ao plano social e ao campo da linguagem ao qual está inserido. Todavia, apesar de ressaltar a importância das relações sociais a psicanálise não se limita a uma visão culturalista (ELIA, 2004).

Como ressaltam diversos autores (SILVA et al., 2018; SBARDELOTTO et al., 2016, FARIA, 2014; ELIA, 2004), o sujeito a qual se refere a psicanálise é o sujeito do inconsciente, pois por meio de uma cultura ele adentra a dimensão simbólica. Mesmo antes de nascer, o bebê já é implicado por significações e referências simbólicas da família e do mundo humano que aguardam a sua chegada.

Isto, salienta a condição de alienação estrutural na qual o bebê se insere, pois como afirmam Sbardelotto et al. (2016, p.126): “é o Outro quem vai dando os significantes que vão mostrando para a criança como ela é e como o mundo é”. Neste primeiro momento, a criança introjeta em si o discurso do Outro, alienando-se a eles para dar um sentido a si mesma; até que possa ser capaz de, por si só, dar um sentido a sua própria existência.

Lacan utiliza o conceito do grande Outro para definir aquele que além de representar toda matriz simbólica, material e social, também se encarrega de produzir uma estrutura significante sobre determinado sujeito. Em outras palavras, o Outro é aquele que transmite não só os códigos culturais ao sujeito; mas também molda o ser de forma significativa, por meio de suas marcas materiais, simbólicas e inconscientes (SAMICO, 2011; SBARDELOTTO et al., 2016).

Logo, a mãe representa para a criança a figura deste grande Outro primordial, responsável por transmitir a estrutura significante para o bebê. Neste processo de alienação, cabe ressaltar que esta estrutura significante é passada de maneira inconsciente, pois até mesmo a mãe “não sabe o que transmite, para além do que ela pretende deliberadamente transmitir” (ELIA, 2004, p.36).

As demandas do bebê para com o seu grande Outro materno vão muito além dos cuidados básicos, das necessidades fisiológicas e de proteção. Segundo Zalcberg (2003, p.80) o Outro “não é só o lugar dos significantes, mas o lugar de onde o sujeito busca uma resposta para a sua existência. A demanda da criança à mãe, não é, portanto, só demanda de objeto e de amor, mas também demanda de uma resposta sobre seu ser”.

No artigo "À Guisa de Introdução ao Narcisismo" de 1914, Freud discorre acerca do narcisismo, o processo de autoerotismo que se desenvolve no início da vida por meio da relação estabelecida com a figura materna e seus cuidadores. Compreende-se o narcisismo como condição fundamental na formação da subjetividade e da autoimagem dos sujeitos (DA SILVA; REY, 2011).

Em Lacan o narcisismo correlaciona-se à teoria do Estádio do Espelho, que constitui uma fase crucial no desenvolvimento psíquico do sujeito, ocorrendo logo nos primeiros meses de vida, mais precisamente, até os dezoito meses de idade (SBARDELOTTO et al.,2016). Lacan (1949, p.97) definiu “o estágio do espelho como uma identificação, no sentido pleno que a análise dá a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem”.

No estágio do espelho, o espelho representa o olhar da mãe que auxilia o bebê a fazer a integração de sua imagem, inicialmente desintegrada em suas partes. No primeiro tempo a criança olha para sua imagem no espelho e não consegue se reconhecer, pois a princípio a imagem lhe causa estranhamento. No segundo momento, há uma alternância entre a percepção e reconhecimento do que sou eu e o que é o outro. E no terceiro momento a imagem é, então, reconhecida como a representação simbólica do eu para o bebê, a partir da confirmação do olhar do Outro. Como afirma Sbardelotto et al. (2016, p. 116), neste terceiro momento: “A criança verifica se o Outro percebe que ela se percebeu. O olhar do Outro sustenta a experiência da criança”. Este constitui o que Freud (1914) denominou de “ato psíquico” para a passagem do narcisismo primário.

Logo, a formação da imagem corporal no Estádio do Espelho não é uma simples correspondência com o corpo físico, pois ela depende de uma matriz simbólica pela qual o Eu poderá se estruturar. Como afirma Zalcberg (2003, p.188):

O estágio do espelho consiste em uma experiência fundamental que se caracteriza pelo fato de a criança, ligando-se ao olhar daquele que a segura em seus braços, ver aparecer seu corpo como uma imagem total: “você vê um corpo?”, pergunta a criança à mãe.

Assim, como Zalcberg (2003) descreve, o olhar da mãe desempenha um papel crucial nesse processo de formação da identificação imaginária na criança, sendo uma operação bastante complexa. Pois, para que ocorra essa identificação, é essencial a intervenção de outro, alguém que valide a sua imagem, confirmando a existência do corpo da criança, no caso o Outro materno. Dessa forma, a criança, por meio do reconhecimento desse terceiro, identifica-se com

a imagem que, ao mesmo tempo, não é ela, mas sim o outro. A mãe funciona, então, como um espelho que reflete a imagem da criança, tornando-se para esta um Outro simbólico.

Na constituição do ser humano a alienação desempenha um papel crucial visto que, a desintegração e a falta de sentido presentes do corpo do bebê nos primeiros meses de vida só é superado a partir do investimento do Outro sobre ele. Na alienação, o bebê não possui o seu próprio desejo, e por ainda desejar apenas o desejo do Outro ele ainda não é considerado o sujeito do inconsciente. Deste modo, o bebê não expressa desejos por si mesmo, pois vincula a sua identidade a partir da definição dada pelo Outro, que é visto como um ser completo, com ausência de faltas (SBARDELOTTO et al., 2016).

Conforme Zalcberg (2003), o discurso do Outro precede o discurso da criança. Faria (2014) corrobora com a ideia ressaltando que, desde os primeiros dias de vida da criança a mãe é a responsável por “traduzir” o choro do bebê, decodificando as suas necessidades essenciais para sobrevivência. Contudo, a autora afirma que tanto nas teorias de Freud, como de Lacan, verifica-se que o que a mãe transmite à criança por meio dos cuidados é de outra ordem, que ultrapassa a ordem da satisfação das necessidades. Com isso, estabelece-se na criança a posição de “completo assujeitamento ao Outro materno”, tornando a mãe, uma mãe onipotente (FARIA, 2014, p.56).

Assim, para que o sujeito desejante, o sujeito do inconsciente, possa emergir é necessário que a alienação ceda espaço ao processo de separação. Pois como afirmam Sbardelotto et al. (2016, p. 118): “o registro do simbólico e o advento do sujeito estão ligados à separação do Outro, que consiste em um processo de simbolização em que o sujeito sai da posição de objeto do desejo da mãe e passa a uma relação de satisfazer o próprio desejo”. Ou seja, inicialmente a alienação no campo do Outro é crucial e necessária para garantir sua salvação; contudo, posteriormente, é fundamental que a separação ocorra para que a falta se instale e o sujeito possa buscar externamente nos objetos, articulados ao próprio desejo, algo que possa tamponar esta falta.

Lacan divide este processo de separação em três tempos, correspondentes aos estágios do complexo de Édipo. No primeiro tempo, há uma sensação de plenitude entre a criança e a mãe, em que cada um preenche a falta do outro. No segundo tempo, a criança percebe que não é o falo da mãe, não sendo seu único foco de atenção, pois ela tem outras responsabilidades e interações. Neste segundo tempo, a função paterna, representando a Lei Simbólica, se faz presente estabelecendo limites entre o bebê e a mãe. A partir desse momento, surge o desejo, motivando cada indivíduo a buscar sua realização em outros objetos (FARIA, 2014, SILVA et al., 2018; SBARDELOTTO et al., 2016).

### 2.3. O complexo de Édipo e a angústia da castração

A teoria do complexo de Édipo desenvolvida por Freud, segundo Zimmerman (2017, p.94) é “a expressão que designa o conjunto de desejos amorosos e hostis que a criança experimenta com relação aos seus pais”. Para Freud a ocorrência do complexo efetuar-se-ia por volta dos três anos de idade.

Baseado na obra mitológica de Sófocles intitulada “Édipo Rei”, cujo enredo se dá na trama em que o personagem Édipo “acidentalmente” mata o seu próprio pai, Laio, e acaba se casando com a sua própria mãe, Jocasta. Freud, então, desenvolve a teoria do Complexo de Édipo, na qual explicaria o desejo do menino pela mãe, a rivalidade com o pai; bem como suas consequências psíquicas para o sujeito conforme o desfecho particular de cada um frente ao processo de castração.

O complexo de Édipo no estudo da psicanálise é de tamanha relevância que predomina entre os psicanalistas a consensualidade de que o complexo de Édipo representa um papel organizador essencial para a estruturação da personalidade; configurando-se como o núcleo central na estruturação de toda e qualquer neurose (ZIMERMAN, 2017; SAMICO, 2011; NASIO 2007, MOREIRA, 2004; ZALCBERG, 2003).

Lacan, conceitua esta função da castração paterna como sendo a responsável por introjetar e estruturar todo psiquismo da criança a partir da representação simbólica da “lei”, do limite, do corte no sentimento de onipotência nos indivíduos criado a partir da relação simbiótica mãe-bebê (NASIO, 2007; ZIMERMAN, 2017).

Segundo Moreira (2004), o complexo de Édipo representa um momento crucial na formação do sujeito, sendo uma questão fundamental na teoria e prática psicanalítica. Para o autor, o Édipo não apenas constitui o "complexo nuclear" das neuroses, mas também é o ponto crucial da sexualidade humana, desempenhando um papel central no processo de produção da sexuação. A partir do Édipo, o sujeito estrutura seu desenvolvimento, especialmente em relação à diferenciação entre os sexos e à sua posição diante da angústia de castração.

A “angústia de castração” será determinante para a organização psíquica do sujeito, abrindo caminho para a triangulação amorosa, no qual o pai interpõe-se ao processo simbiótico amoroso e possessivo que se estabelece na díade relação entre mãe-filho. Segundo Sbardelotto et al. (2016), é a angústia de castração que leva a criança ao declínio do Complexo de Édipo, por meio dos movimentos identificatórios.

A castração é elaborada de maneira diferente entre meninos e meninas. Nos meninos, ela é temida como uma ameaça paterna em resposta às atividades sexuais, enquanto nas meninas, a ausência de pênis é percebida pela via da inveja, como uma perda que elas tentarão compensar. Lacan atribui à castração o significado de uma falta que afeta permanentemente o narcisismo e indica que o prazer nunca será pleno, estendendo-se para além do período edípiano (ONS, 2018).

#### **2.4. A importância da fase pré-edípiana para a menina**

Enquanto nos meninos a entrada ao complexo de Édipo se dá pelo amor à mãe, tendo o pai como o rival e a saída do complexo Édipo pela via do complexo da castração; nas meninas isto se configura de maneira diferente. Os meninos também passam pelo pré-Édipo, porém para elas esta passagem possui uma representatividade singular (ZALCBERG, 2003; SAMICO, 2011).

A princípio, a mãe é o objeto de amor original tanto para as meninas, como para os meninos. Porém, nas meninas, para que esse amor objetual seja direcionado ao pai, é necessário que a menina vivencie anteriormente ao Édipo, o pré-Édipo. O pré-Édipo representa uma fase fundamental no processo de estruturação psíquica de uma menina, uma vez que delineará as coordenadas de como ela poderá se organizar em torno de sua feminilidade (ZALCBERG, 2003; NASIO, 2007; SAMICO, 2011).

Para a menina, o pré-Édipo representa o corte de uma conexão que gera efeitos em suas futuras escolhas de objetos amorosos e em seu desenvolvimento libidinal da fase adulta. Deste modo, ela enfrentaria a necessidade de abandonar sua primeira relação de amor com a mãe, para poder direcioná-la ao pai. Esse afastamento ocorre quando ela percebe que sua mãe também possui limitações, faltas, o que leva a desenvolver sentimento de hostilidade em relação à mãe (SAMICO, 2011).

A partir desta hostilidade a menina direciona seu afeto ao pai, escolhendo-o como objeto amoroso, uma vez que ele tem algo que nem ela nem a mãe têm. Essa dinâmica evidencia que a entrada no complexo de castração é influenciada pelas tramas pré-edípianas, levando ao desenvolvimento do complexo de Édipo feminino (SAMICO, 2011).

Dessa forma, segundo Samico (2011, p. 36) nas meninas esta troca de amor que ocorre entre a mãe, representante do primeiro objeto de amor da criança, pelo pai, “é fundamental para o desenvolvimento da chamada feminilidade normal”. Cabe aqui destacar que a autora aponta

a utilização do termo “normal”, compreendido como algo que é normativo da sociedade, ou seja, comum na maior parte dos casos e não como algo correspondente ao “não patológico”.

Freud no seu texto de 1931 “Sobre a Sexualidade Feminina” afirma que à medida que a ligação de uma menina com seu pai seja forte, sugere-se que sua relação com a mãe tenha sido igualmente intensa e exclusiva. Isso implica que a relação de exclusividade com a mãe permanece constante, com a única mudança sendo a escolha de um objeto diferente.

Conforme Nasio (2007), no período pré-edipiano a menina adota a mesma postura que o menino, ou seja, ela julga ser também detentora de um falo, sendo movida pelas fantasias da onipotência fálica e satisfazendo-se por possuir a mãe e tê-la toda para si. Contudo, toda esta onipotência ira se desmontar com a constatação da privação fálica. No momento em que percebe a ausência do falo no seu corpo feminino ela:

Fica decepcionada por não ter o mesmo apêndice que o menino: “Ele tem alguma coisa que eu não tenho!”. Até então fiava-se em suas sensações de poder vaginal e clitoridiano, que a confortavam em seus sentimentos de onipotência. Agora que viu o pênis, duvida de suas sensações e julga que a fonte de poder não está mais nela, mas no corpo do outro, no sexo do menino[...]. É então que, brutalmente, uma imensa ilusão desmorona, provocando um pungente dilaceramento interno (NASIO, 2007, p.50).

Nasio (2007) complementa esta ideia afirmando que as consequências psíquicas desta constatação para as meninas seria o que chama de “fantasia da dor de privação”. Pois, enquanto nos meninos o sentimento vivido é o de angústia, do ter a perder; nas meninas o que se vivencia é o sentimento da dor de ter perdido. Assim, “enquanto o menino teme uma castração, a menina se ressent de uma privação”. Nas meninas este sofrimento da dor ainda será somado a um sentimento de ter sido enganada, por acreditar que detinha o falo e pela constatação de que sua mãe “ontem onipotente e que agora se revela impotente para lhe dar um falo que ela própria não tem nem nunca teve. Sim, sua mãe também é tão desprovida quanto ela, merecendo apenas desprezo e recriminações” (NASIO, 2007, p.51).

Segundo Nasio (2007, p.52), neste momento a menina vivenciaria em sua solidão a “dor da humilhação” sentindo-se vítima de uma injustiça que irá ferir a sua autoimagem. Aqui, o autor faz uma interessante observação que marcaria a primitiva relação narcísica das meninas: o falo da menina como a imagem de si. “Para a menina, ao contrário, o objeto narcísico por excelência não é uma parte de seu corpo, é seu amor-próprio, a imagem cativante de si mesma”. Nesse sentido, a menina endereça a mãe o ódio e a queixa do prejuízo que acredita ter sofrido (NASIO, 2007).

Esta ferida narcísica presente na construção da feminilidade será, a posteriori denominada por Lacan através do conceito de Devastação. Com Faria e Starling (2019, p. 158) afirma:

Lacan, ao retomar a noção freudiana de catástrofe, nomeia como devastação a difícil relação da menina para com sua mãe. O termo devastação aparece pela primeira vez em 1972, em seu texto “O aturrito” (1972/2003), no qual aponta que a devastação, para uma mulher, constitui-se na relação com sua mãe, da qual espera receber mais substância do que do pai.

Segundo Valdivia (1997), esta fase marca, então, de forma traumática a introdução da sexualidade na vida feminina. Sendo vivida de forma mais complexa para a menina; que além de ter que abrir mão do seu movimento de atividade para um movimento de passividade (representado pela mudança da zona erógena), ela também precisará abrir mão do seu primeiro objeto de amor, que é a mãe. Uma vez que, para poder abrir mão desse primeiro objeto de amor é preciso que ela desenvolva um afeto tão poderoso quanto o amor, ou seja, o ódio.

Freud (1931), no seu texto “Sobre a Sexualidade Feminina” propõe três efeitos distintos possíveis para o complexo de castração nas mulheres. O primeiro efeito é a possível aversão geral da menina à sexualidade, levando-a sentir insatisfação em relação ao seu próprio clitóris e a compará-lo com os órgãos genitais masculinos, o que pode levá-la a abandonar sua atividade fálica, sua sexualidade e parte de sua masculinidade em outras áreas. O segundo efeito envolve a busca de afirmação da própria masculinidade ameaçada, com a menina mantendo a esperança de adquirir um pênis, o que, em alguns casos, pode levar à escolha homossexual de objeto. O terceiro e último efeito seria a adoção da feminilidade, levando a menina a escolher o pai como objeto e ingressar na forma feminina do complexo de Édipo.

Deste modo, a partir do reconhecimento da falta, ausência do falo, a menina afasta-se da mãe e volta-se para o pai buscando, nele compensar a sua falta; “assim, a mãe torna-se uma rival, ao passo que a menina se torna mulher” (SILVA; REY, 2011).

## **2.5. Teorização freudiana acerca da sexualidade feminina e da feminilidade**

Ao longo de toda a sua trajetória teórica inicial, Freud considerava que o desenvolvimento psíquico das mulheres poderia ser tratada de forma análoga à dos homens, o que levou a algumas generalizações. Por exemplo, quando Freud introduz o conceito de Complexo de Édipo em “A Interpretação de Sonhos” de 1900, ele considera a situação edipiana semelhante para meninos e menina, apenas com algumas modificações equivalentes.

Em alguns casos, Freud admitiu a falta de conhecimento detalhado sobre o desenvolvimento sexual das meninas. Por exemplo, ao descrever a fase fálica no artigo sobre a

organização genital infantil (1923), ele afirmou que apenas poderia descrever esses processos no contexto dos meninos, uma vez que os processos correspondentes nas meninas eram desconhecidos (FREUD, 1923).

Contudo, é a partir do texto “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos” de 1925, apontado pelo editor inglês, que Freud pela primeira vez, reavalia suas opiniões e os seus estudos relativos ao desenvolvimento psíquico das mulheres. Visto que, anteriormente, a vida sexual das mulheres era considerado por ele como desconhecido ou, como ele mesmo dominou: um “continente obscuro” para a psicologia (FREUD, 1925).

Durante um longo período, o interesse de Freud pela psicologia feminina foi limitado, passando-se quinze anos até que ele publicasse material clínico significativo acerca a sexualidade feminina. Um dos marco neste período foi o caso clínico conhecido como “O caso da jovem homossexual” de 1920. Este caso teve uma importância significativa para os estudos sobre a feminilidade na psicanálise, pois representou um dos primeiros exemplos de Freud explorando a psicologia das mulheres de maneira mais aprofundada (FREUD, 1976).

O estudo do caso da jovem homossexual envolveu uma análise detalhada da paciente, onde Freud investigou as dinâmicas de desejos, identificações e conflitos sexuais presentes, explorando as complexidades da sexualidade feminina e as manifestações de homossexualidade nas mulheres. Esse caso levou Freud a reconsiderar a questão da sexualidade feminina e a importância de entender as diferenças entre os sexos (FREUD, 1976).

Em sua investigação, Freud conclui que a homossexualidade da jovem paciente não estava relacionada à fixação no pai, mas pelo contrário, continha suas raízes em uma fixação amorosa anterior com a mãe. Dessa forma, o caso destacou a importância do Complexo de Édipo feminino na psicanálise, levando a uma compreensão mais aprofundada das questões relacionadas à feminilidade na teoria psicanalítica. A partir do caso, Freud observou como as relações entre a mãe e a filha desempenhavam um papel significativo no desenvolvimento psicosexual feminino, fornecendo uma base para o entendimento da dinâmica edipiana nas mulheres (ZALCBERG, 2003, SAMICO, 2011).

No artigo *Sexualidade Feminina*, de 1931, Freud afirma que a relação amorosa que toda mulher estabelece com seus pares vai ser sempre herdeira da ligação materna pré-edipiana. Uma vez que o complexo de castração não consegue romper completamente o profundo vínculo de identificação e amor entre mãe e filha, permanece um resto (SAMICO, 2011).

Esse resto se manifesta na busca contínua da filha pela definição de sua identidade como mulher por meio de sua figura materna, criando um estado de encantamento ilusório. Nesse encantamento, baseado na crença de uma similaridade, a menina pode se encontrar presa em

uma situação de nunca conseguir se desvincular da mãe para construir sua própria identidade feminina. A este aprisionamento na relação com a mãe, Lacan irá utilizar ao termo "devastação", indicando o dano que essa situação pode causar (SAMICO, 2011).

A ideia da devastação, desenvolvida por Lacan seria, então, a releitura do que Freud denominou como catástrofe sobre a complexa relação entre mãe e filha (ZALCBERG, 2003; FARIA & STARLING, 2019). A devastação, de acordo com Zalcberg (2003, p.14) “ocorrendo frequentemente na relação mãe-filha, dão-se quando a mãe não se dá conta da existência dessas duas dimensões que ela representa para sua filha e não consegue, por isso, sustentá-las. Estas duas dimensões referidas pela autora são a dimensão: mãe e mulher.

O conceito do termo devastação é explicado por Faria e Starling (2019, p.158):

O termo devastação, em francês *ravage*, deriva de *ravir* (arrebatar), que vem do latim *rapire*, no qual o sentido colocado é o de tomar de maneira precipitada, tomar à força, sentido equivalente ao de raptó. Em francês, ainda tem outros significados, como o de “desgosto profundo”, “dano”, “prejuízo”, e tem até mesmo o significado de destruição causada pelo homem de maneira violenta, abrupta. Em português, o termo *ravage* é traduzido por “devastação” ou “estrago”. No dicionário *Aurélio*, o termo devastação é significado como uma ruína proveniente de uma grande desgraça; tornar deserto; despovoar.

Conforme as autoras Faria e Starling (2019, p. 158) afirmam, esta devastação irá “também repercutir nas relações amorosas que uma mulher estabelece com um homem”. Segundo Ribeiro (2009, p.4) “é a mãe quem erotiza seu bebê menina, deixando marcas sensuais para o futuro desfrutar adulto da sexualidade feminina. Há nessa relação *do mesmo que engendra o mesmo*, um risco potencializado para a *cidade narcísica* e a *ilusão simbiótica*”.

Assim, a devastação na relação mãe-filha é proveniente do encantamento que une ambas e que dificulta a separação das duas, e o desenvolvimento de um desejo desvinculado do desejo do grande Outro (SAMICO, 2011). E o que torna este avassalador encantamento algo contínuo e infinito é o fato de que a demanda da filha para mãe, sobre a pergunta “diga me o que é uma mulher?” é impossível de ser atendida; uma vez que às mulheres falta algo que as defina, um traço identificatório, assim como os homens a partir da sua representação fálica (ZALCBERG, 2003; SAMICO, 2011; FARIA & STARLING, 2019).

Deste modo, a relação mãe-filha é marcada pela constituição da sexualidade que ambas compartilham a partir da falta de uma representação fálica; na qual alimenta na menina um ressentimento, uma busca incessante de que a mãe lhe diga o que é ser mulher. Segundo Zalcberg (2003, p.31) “continuar endereçando movimentos pulsionais ativos e passivos à mãe comprometeria, descobre Freud, o destino de mulher da filha. Lacan, mais tarde, mencionará a devastação (*ravage*) causada na filha de uma relação demasiado intensa com a mãe”.

A solução para este dilema, segundo Zalcberg (2003, p.227), seria a separação e aceitação tanto da mãe, quanto da filha para que cada uma trilhe a sua caminhada na jornada do tornar-se mulher, pois “da experiência de separação com a mãe, ao se individualizar e se distinguir dela como mulher, a filha obtém consistência como mulher”.

Deste modo, destaca Zalcberg (2003), quando a mãe consegue conciliar sua identidade como mãe e mulher, sem renunciar a nenhuma dessas dimensões, a filha encontra um suporte adequado para poder, então, desenvolver sua própria feminilidade, de modo único e distinto de sua mãe. Cabendo a cada mulher criar uma identificação feminina através da sua própria subjetivação, inventividade e criatividade.

## **2.6. Os efeitos da relação mãe-filha na construção da autoestima da menina**

A autoestima está relacionada ao conjunto de sentimentos e pensamentos que uma pessoa tem em relação ao seu próprio valor. Não está somente ligada a aceitação da própria aparência física, pois engloba também sentimentos e pensamentos relacionados à autoimagem, adequação, autoaceitação, autovalorização, capacidade para lidar com desafios da vida, capacidade de reconhecer os próprios valores, qualidades e atributos (ROSENBERG, 1965 apud SOUZA, 2021).

De acordo com Dunker (2017), na perspectiva psicanalítica Freudiana, a autoestima é vinculada ao sentimento de estima relacionado ao Ideal do Eu, uma construção simbólica desenvolvida no Complexo de Édipo. Freud associa a autoestima à libido narcisista, destacando a influência do amor na formação desse sentimento. A crença de ser amado e merecedor do amor é considerada crucial para a autoestima, sendo a relação mãe-bebê fundamental nesse processo.

Os conceitos de Eu ideal e de ideal de Eu, desempenham um papel fundamental no desenvolvimento psicosssexual e da formação da identidade do sujeito. O Eu Ideal é uma instância psíquica que representa a imagem idealizada que o indivíduo possui de si mesmo. É a imagem idealizada do Eu, formado a partir das projeções idealizadas das figuras parentais no bebê. Situa-se no lugar simbólico funcionando como um padrão interno de perfeição moldado a partir do discurso parental. Já o Ideal de Eu, é uma construção simbólica que representa a internalização das normas e valores parentais, dos quais o sujeito se esforçará para cumprir, a fim de restaurar a perfeição narcísica perdida (SILVA; REY, 2011).

Em "O Eu e o Id", Freud(1923) destaca a importância do corpo na compreensão da constituição psíquica humana. Neste texto ele introduz os conceitos fundamentais que

evidenciam a interação entre o corpo e o aparelho psíquico, propondo a existência das três instâncias psíquicas: o Id, o Eu e o Supereu.

Segundo Freud (1923, p. 24), "O Eu é sobretudo corporal, não é apenas uma entidade superficial, mas ele mesmo a projeção de uma superfície". Com esta afirmação ele ressalta a importância da representação mental do corpo no psiquismo para a constituição do Eu. De acordo com Souza (2007, p19): "o surgimento desse corpo atravessado pela linguagem se dá quando o ego encontra sua primeira estruturação unitária no registro da imagem, que pode, por isso, ser investido como objeto de amor". Deste modo, o narcisismo do bebê estrutura o ego primário do sujeito, organizando as pulsões nas zonas erógenas e fornecendo ao sujeito uma imagem coesa do seu próprio corpo (VIEIRA, 2006; SBARDELOTTO et al. 2016).

Logo, conforme Vieira (2006), a transição do ego primário para uma unidade bem estruturada irá depender da imagem corporal que o bebê tem de si e que foi desenvolvida nas interações parentais, especialmente na relação com a mãe. O olhar materno, ao reconhecer e atender às necessidades da criança, funciona como alicerce, possibilitando o investimento libidinal do ego.

Dessa forma, o vínculo afetivo, especialmente com a mãe, desempenha um papel crucial na estruturação do aparelho psíquico. A ausência desse suporte materno pode resultar em dificuldades para a criança, implicando no seu aprisionamento dentro das realidades fragmentadas das pulsões, permanecendo: "assim como assim como no mito do Narciso: alguém que morre afogado no próprio eu" (VIEIRA, 2006, p.69). Ou seja, não conseguindo ultrapassar os limites do narcisismo, com dificuldades de se perceber, se diferenciar como sujeito e de se ligar aos objetos do mundo.

A amamentação desempenha um papel crucial na definição do estilo da função materna e na interação entre mãe e bebê. Através do tom de voz, carinho, olhar atento e admirado durante a amamentação, a mãe orienta o bebê na sua compreensão do mundo, na organização de seus sentimentos e na sua futura maneira de lidar com os seus objetos pulsionais. Esses investimentos maternos sobre o corpo do bebê facilitam a transição do corpo puramente biológico para a representação de um corpo erógeno. Ao cuidar do lactente, a mãe cria um ambiente propício para o surgimento de um clima emocional favorável à interação. Por meio destas trocas e da sintonia entre ambos, a mãe pode adquirir mais segurança para alimentar o bebê, tanto fisicamente quanto psiquicamente (SIMÕES, 2012).

Alguns autores destacam que a capacidade da mãe de investir afetivamente em seu filho e de fornecer os cuidados básicos ao lactente está profundamente ligada aos cuidados maternos que ela mesma recebeu na infância. Assim, o vínculo entre a mãe e o bebê é profundamente

influenciado pelo inconsciente materno, que se organiza com base nas relações estabelecidas pela mãe com seus próprios pais e em suas experiências infantis. (ZALCBERG, 2003; MANONI 1982/1986 apud SIMÕES, 2012). Além disso, ao se tornar adulta, sua capacidade de encontrar conforto e segurança no ambiente social também influencia esses cuidados. Nesse contexto, sentimentos como culpa, medo, raiva, dependência e insegurança podem intensificar sua carga emocional e impactar o relacionamento com o bebê.

Sob a perspectiva psicanalítica, o afeto é um estado emocional ligado à realização das pulsões. Essas pulsões, originadas de necessidades vitais e regidas pelas associações psíquicas do inconsciente estimulam o organismo a descarregar a excitação. O fato de não haver uma única forma para satisfação dos desejos, contribui para a sensação constante de incompletude e insatisfação sendo, esta, uma característica intrínseca à natureza humana (SIMÕES, 2012).

O afeto constitui-se como uma forma de comunicação e para que ela se dê de forma efetiva Simões (2012, p.128) faz uma importante ressalva afirmando que “corpo, afeto e linguagem precisam estar implicados simultaneamente para que as experiências afetivas sejam processadas e produzam sentido e representações para o indivíduo”.

No que tange os anseios do universo feminino, a preocupação com o corpo e a aparência física ganham destaque no cotidiano das mulheres. Cada vez mais mulheres procuram modificar a forma de seus corpos por meio de intervenções estéticas, insatisfeitas com a própria imagem, travando batalhas com contra seus próprios corpos em prol de um ideal de beleza posto culturalmente pela sociedade (VIEIRA, 2006).

Atualmente vive-se era das imagens (VIEIRA, 2006; SAMICO et al. 2019; SILVA, REY, 2011). A evolução tecnológica tem transformado significativamente o comportamento das pessoas e as dinâmicas sociais, refletindo diretamente modos de subjetivação dos sujeitos. Segundo Samico et al. (2019) a exposição intensificada da vida pessoal nas redes sociais pode ser compreendido como reflexo da busca pela validação pessoal através da observação e aprovação dos outros. Plataformas de redes sociais como o *Instagram*, ganham destaque na sociedade contemporânea, pois focalizam a estética corporal e funcionam como espécie de “vitrine” da vida cotidiana.

Nesse sentido, a pressão para se conformar aos padrões online idealizados pode afetar a autoestima e a percepção de mundo real dos sujeitos. De acordo com Samico et al. (2019), a constante exposição da autoimagem nas mídias sociais busca, em parte, amenizar uma ferida narcísica, que por meio dos “likes”, recebe a atenção, preenchendo a sensação do vazio e desamparo. No entanto, as autoras ressaltam que essa dinâmica estabelece um ciclo vicioso,

uma vez que as experiências formadas são efêmeras devido à baixa qualidade e profundidade das conexões virtuais, que geralmente são superficiais.

Contudo as autoras destacam que esta dinâmica cria um ciclo vicioso, dada a efemeridade das experiências que se formam sob a condição de baixa qualidade e profundidade dessas conexões virtuais, que acontecem de forma rasa. Ademais, o consumismo desenfreado, outro fator muito disseminado na sociedade capitalista contemporânea, interliga-se a essa necessidade de ser objeto de desejo alheio, alimentando uma busca desenfreada por uma vida perfeita e gerando comparação e alienação (SAMICO et al., 2019).

Os transtornos alimentares, que acometem majoritariamente as mulheres, também podem ser visto como um reflexo dos padrões normativos impostos culturalmente pelas ideias de beleza contemporâneas (SOPEZKI; VAZ, 2008). Sopezki e Vaz (2008) e Marini (2015) realizaram pesquisas para verificar as possíveis implicações que a relação estabelecida entre mãe-filha poderia ter no desenvolvimento dos transtornos alimentares em meninas. Embasadas nos referenciais teóricos da psicanálise ambos estudos corroboram com o entendimento de que as falhas nos investimentos libidinais do grande Outro materno nos estágios primitivos da formação psíquica, podem estar ligados aos transtornos alimentares.

Conforme Sopezki e Vaz (2008), observou neste contexto que algumas mães não eram capazes de perceberem suas filhas mulheres como menos separadas delas, devido aos mecanismos narcisistas, como identificação e simbiose. Atrelado a isto, tais transtornos ainda são reforçados pelo busca de estar em conformidade aos padrões de magreza, beleza e feminilidade.

### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Toda e qualquer investigação de caráter científico necessita de embasamentos técnicos e de um conjunto de procedimentos sistemáticos e racionais para que se alcance os objetivos pretendidos da pesquisa. De acordo com Prodanov e Freitas (2013, p. 126): “método científico é o conjunto de processos ou operações mentais que devemos empregar na investigação. É a linha de raciocínio adotada no processo de pesquisa”.

Para que algo se concretize e materialize no mundo prático real é preciso ter passado anteriormente pelo campo das ideias. É neste sentido que Lakatos e Markoni (2003) afirmam que, mais do que uma apenas uma disciplina, a metodologia científica deve estar na base da formação, tanto do sujeito discente como do sujeito profissional, visto que ambos atuam para além da prática, ou seja, no mundo das ideias.

Cada pesquisa é única e se diferencia das outras em suas particularidades; contudo ela precisa estar de acordo com o sistema de classificação, que proporciona maior racionalidade científica aos processos. Ao classificar corretamente a pesquisa, adota-se os procedimentos e recursos mais adequados conforme especificidade da pesquisa em questão. Isso permite, então, aumentar a sua eficácia, e reduzir o tempo de realização da pesquisa, bem como proporcionar resultados mais satisfatórios ao final do estudo (GIL, 2010).

#### 3.1. Tipo de Pesquisa

A classificação desta pesquisa, sob o ponto de vista de sua natureza é do tipo básica. Segundo Prodanov e Freitas (2013) o método científico refere-se ao conjunto de processos ou operações mentais que devemos utilizar na investigação, representando a abordagem lógica adotada no processo de pesquisa.

Quanto aos métodos ou à abordagem, classifica-se como qualitativa, que segundo Triviños (1987 apud OLIVEIRA, 2011) é o tipo de pesquisa que procura captar não só a aparência do fenômeno, como também suas essências, procurando explicar sua origem, relações e mudanças, tentando intuir as consequências. Desta forma a abordagem qualitativa busca a compreensão dos fenômenos através de seus significados, dentro de seu contexto específico.

Uma das características da pesquisa qualitativa é a aproximação do pesquisador com o ambiente natural pesquisado, coletando os dados por meio de fonte direta. Segundo Gil (2010), a pesquisa de abordagem qualitativa possibilita o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, por meio do trabalho intensivo realizado a campo.

Do ponto de vista dos seus objetivos, esta pesquisa classifica-se como uma pesquisa exploratória, pois pretende gerar maior familiaridade com o problema, proporcionando maiores informações sobre o assunto a ser investigado; seja por meio do levantamento bibliográfico, entrevistas ou análise de exemplos que estimulem a melhor compreensão do tema (GIL, 2010).

A pesquisa, também, é categorizada como descritiva, uma vez que visa apenas descrever e observar os fatos sem interferir neles. Nesse tipo de estudo, conforme destacado por Prodanov e Freitas (2013), a ocorrência dos fenômenos do mundo físico e humano são examinados pelo pesquisador, mas não são manipulados por ele.

Quanto aos procedimentos técnicos, ou seja, a maneira pela qual os dados necessários serão obtidos para a elaboração da pesquisa, esta pesquisa classifica-se como uma pesquisa bibliográfica (GIL, 2010).

Conforme Gil (2010), a vantagem deste tipo de pesquisa é a possibilidade do pesquisador ter acesso a uma cobertura maior e mais ampla de fenômenos e informações do que teria pesquisando diretamente em fontes primárias. Em contrapartida, a desvantagem da mesma reside no fato do risco de que as fontes secundárias, utilizadas na pesquisa, tenham disso processadas equivocadamente. Por isso, faz-se bastante necessário neste tipo de pesquisa a análise criteriosa por parte do pesquisador, pautando-se apenas de fontes seguras e dados confiáveis, para não replicar erros.

### **3.3. Técnicas de Coleta e Análise de dados (técnicas utilizadas)**

A técnica de coleta de dados utilizados, com vistas a responder o problema, foi a pesquisa bibliográfica, conforme Gil (2010). Os dados da pesquisa são todas as informações disponíveis das quais o pesquisador pode fazer uso no decorrer das etapas do trabalho por isso, neste caso, devem ser precisos o suficiente para apoiar as análises e conclusões.

Estes dados podem ser primários, quando são extraídos da realidade pelo próprio pesquisador, não sendo encontrados em registros de nenhum outro documento; quanto secundários, ou seja, quando se trata de informações já disponíveis e acessados por meio da pesquisa bibliográfica e documental (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Para a elaboração desta pesquisa foram utilizada como fonte: livros acerca do tema, periódicos científicos disponíveis nas redes eletrônicas, bem como teses e dissertações publicadas.

## 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste tópico são apresentados os principais estudos utilizados para a realização da pesquisa bibliográfica, organizados em categorias temáticas específicas. A finalidade é proporcionar uma análise mais detalhada, possibilitando uma compreensão mais profunda de cada tópico abordado.

### 4.1. Categoria A: Constituição do sujeito

<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Ano</b>	<b>Principais Resultados</b>
A constituição do sujeito na psicanálise	SBARDELOTTO, Luciane; FERREIRA, Daniele; PERES, Maria Inês Luzzi; OLIVEIRA, Ana Maria Moreno de.	2016	O artigo apresenta uma revisão bibliográfica acerca do processo de constituição do sujeito, a partir da base teórica psicanalítica de Freud e Lacan. Primeiramente discorre-se sobre o processo de alienação (estádio do espelho, relação com outro semelhante, formação do eu ideal e formação do registro imaginário). Posteriormente aborda-se o processo de separação (três tempos do Édipo em Lacan, relação com o grande Outro, formação do Superego e o registro simbólico).
O conceito de sujeito	ELIA, Luciano.	2004	Este livro apresenta o conceito de sujeito a partir da compreensão psicanalítica de que ele não nasce e, sim, se constitui. Considerando o campo da linguagem, fundamentado nas ideias de Freud e Lacan.
Constituição do sujeito e estrutura familiar: o complexo de Édipo de Freud a Lacan	FARIA, Michele Roman.	2014	O livro percorre as teorias de Freud a Lacan para elucidar como as teorizações acerca do complexo de Édipo se aplicam as novas configurações de estruturas familiares contemporâneas. Aprofunda o debate sobre a constituição do sujeito e as suas implicações na clínica psicanalítica com crianças.
A constituição da sexualidade na psicanálise e a performance de gênero de Judith Butler: aproximações e distanciamentos	SILVA, Diego Anizio; FACCEENDA, Juliana Karoline dos Santos; REIS, Raiza da Silva; ALMEIDA, Thainá Maria da Silva; GOMES, Luiz Guilherme Araujo.	2018	O artigo discorre acerca da compreensão da diferenciação sexual na psicanálise e nas teorias de gênero de Judith Butler, pontuando as aproximações e distanciamentos entre as teorias. Para tanto, é feita uma revisão bibliográfica acerca da constituição sexual na psicanálise e algumas concepções de gênero a partir de Butler são debatidas.

#### 4.2. Categoria B: Complexo de Édipo, relação mãe e filha e o pré-Édipo

<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Ano</b>	<b>Principais Resultados</b>
A relação mãe e filha e a aposta libidinal da mulher	SAMICO, Fernanda Cabral	2011	Nesta dissertação de mestrado, a autora faz uma investigação sobre a vínculo na relação mãe e filha e as suas consequências para a vida sexual da mulher. A tese contempla, também, a fase pré-Edípiana e constrói o embasamento teórico a partir de Freud e Lacan.
Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa	NASIO, Juan-David	2007	O livro apresenta os conceitos do complexo de Édipo, abordando as suas diversas dimensões: realidade, fantasia, conceitual e mitológica. Nesta obra o autor faz uma análise separada do desenvolvimento do complexo de Édipo para meninos e para meninas.
A relação mãe e filha	ZALCBERG, Malvine	2003	Neste livro a autora apresenta as várias facetas envolvidas na relação mãe e filha e os percalços da função materna. O embasamento teórico é desenvolvido a partir de Freud e Lacan, perpassado por relatos de sua experiência clínica psicanalítica. Zalcborg elucida a compreensão do sujeito filha com sua mãe e a filha em relação ao seu próprio lugar de mãe, ressaltando a condição feminina da mãe.
Constituição do sujeito e estrutura familiar: o complexo de Édipo de Freud a Lacan	FARIA, Michele Roman.	2014	Evidenciando as novas configurações familiares da sociedade contemporânea, a autora desmistifica a concepção do Édipo restrita apenas a “papai” e “mamãe”; orientando-se pela via simbólica do sistema triangular Edípiano proposto por Lacan.

#### 4.3. Categoria C: Feminilidade na psicanálise

<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Ano</b>	<b>Principais Resultados</b>
Psicanálise e feminilidade: algumas considerações	VALDIVIA, Olivia Bittencourt	1997	O artigo analisa questões fundamentais relativos à feminilidade e o desejo da mulher, a partir de Freud e Lacan. O enigma da feminilidade e o trabalho psíquico envolvido no devir mulher são questões fundamentais abordadas neste texto.
A beleza e a feminilidade: um olhar psicanalítico	SILVA, Heloisa Cardoso da; REY, Siloé	2011	Este artigo apresenta um estudo sobre os temas ideal de beleza e feminilidade. Se propõe a investigar qual a possível função psíquica que os ideais de beleza veiculados na cultura exercem na constituição psíquica do feminino.
Origens e destinos da feminilidade em Freud e na contemporaneidade	CARNEIRO, Cláudia Aparecida; LAZZARINI, Eliana Rigotto.	2016	Com a finalidade de identificar a relação entre sexualidade feminina, feminilidade e posição feminina na compreensão do sujeito contemporâneo. O artigo abordou como esses conceitos evoluíram na obra de Freud, e, posteriormente, com autores psicanalíticos contemporâneos na busca de pontos de convergência ou divergência que indiquem um panorama teórico atual mais coeso. Os resultados demonstraram que é possível considerar que a pesquisa psicanalítica sobre sexualidade deve abranger a discussão de

			novas concepções da mulher e do homem, tendo por pressuposto a feminilidade como fenômeno comum a ambos.
A relação mãe e filha e a aposta libidinal da mulher	SAMICO, Fernanda Cabral	2011	Os assuntos relativos a teorização Freudiana e Lacaniana acerca da feminilidade e sexualidade da mulher são amplamente debatidos neste estudo apresentado por Samico.
A relação mãe e filha	ZALCBERG, Malvine	2003	A feminilidade na psicanálise é o fio condutor desta obra de Zalcborg, que se constitui a partir da relação mãe e filha.

#### 4.4. Categoria D: Autoestima e imagem pessoal

<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Ano</b>	<b>Principais Resultados</b>
A beleza e a feminilidade: um olhar psicanalítico	SILVA, Heloisa Cardoso da; REY, Siloé	2011	Os ideais de beleza são destacados neste artigo, concebidos como uma das saídas possíveis da feminilidade e como forma de elaboração da castração feminina. A partir da teoria Freudiana e Lacaniana, elucida-se os aspectos psíquicos que mulher estabelece em relação a estes ideais.
Instagram, narcisismo e desamparo: um olhar psicanalítico sobre a exposição da autoimagem no mundo virtual	SAMICO, Fernanda Cabral; CARVALHO, Joice Pontes da Silva Tavares de; MAGALHÃES, Priscila Maria Luz dos Santos de.	2019	O artigo tem por objetivo investigar, sob uma perspectiva psicanalítica, as motivações por trás das exposições em redes sociais como estratégia de aprovação social; utilizando os conceitos de desamparo e narcisismo. Salienta-se que este estudo não visa fazer críticas, mas destacar um fenômeno observado na sociedade contemporânea.
A autoestima de mulheres jovens e a relação mãe-filha: um estudo psicanalítico	SOUZA, Roberta Del Grande de	2021	Esta dissertação apresenta a pesquisa realizada com 131 mulheres jovens, na qual evidenciase, dentro do referencial teórico da psicanálise, a influência que a relação entre mãe e filha possui na autoestima da mulher jovem.
O impacto da relação mãe-filha no desenvolvimento da autoestima e nos transtornos alimentares	SOPEZKI, Daniela; VAZ, Cícero E.	2008	Este artigo analisa a interrelação entre a relação mãe-filha e a autoestima que contribuem para o surgimento dos transtornos alimentares da bulimia e anorexia. Questões socioculturais, tipos de apego e a feminilidade, a partir da psicanálise, também são abordados.
Você poderá vomitar até o infinito, mas não conseguirá retirar sua mãe de seu interior	MARINI, Marisol	2015	Este artigo busca compreender as concepções psicanalíticas relativas aos transtornos alimentares de anorexia e a bulimia, relacionando-os com a constituição do sujeito, relação mãe-filha, sexualidade e gênero. A teoria partiu dos saberes da clínica psicanalítica, na qual o trabalho de campo foi realizado.
A relação mãe e filha	ZALCBERG, Malvine	2003	Neste livro, Zalcborg dedica vários capítulos para abordar as questões da autoestima e autoimagem presentes nesta díade da relação mãe e filha.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde as históricas de Freud até os tempos atuais, observa-se que a linguagem da feminilidade perpassa pelo corpo da mulher. É por meio dele que elas conseguem expressar os sinais dos conflitos, paixões, indagações, alegrias, inquietações, fantasias, tensões, desejos e dramas psíquicos mais inconscientes. Não pode ser a toa que toda a teorização de Freud acerca da feminilidade parte do conceito da primazia do falo, da inveja causada pela ausência do órgão genital masculino e toda a sua organização simbólica.

Com sua teoria, Freud, por muitas vezes foi acusado de misoginia, entretanto é essencial relembrar todo o contexto histórico social ao qual ele desenvolveu suas teorias, tendo como personagens centrais de suas descobertas as suas pacientes históricas. Ao longo de sua trajetória, ele revisitou e atualizou constantemente os seus estudos relacionados à feminilidade, admitindo ao final de suas obras o caráter inconclusivo e enigmático das mulheres.

Os estudos levantados ao longo desta pesquisa verificaram a grande importância que a figura materna exerce na constituição dos sujeitos, sobretudo das mulheres em suas particularidades. A formação de uma autoestima adequada depende do olhar amoroso e apreciativo da mãe sobre o bebê. Deste modo, a mãe desempenha um papel central neste processo constitutivo, moldando a imagem corporal da criança através do olhar, do desejo e da identificação estabelecida com o Outro primordial. Por meio deste olhar, estrutura-se o narcisismo, e o bebê toma posse do seu corpo desejante e singular (VIEIRA, 2006).

As mulheres são, a todo momento, afetadas e influenciadas pelos padrões de estética culturais. E na tentativa de se enquadrarem aos padrões idealizados de beleza recorrem às inúmeras possibilidades que se encontram disponíveis no mercado, sejam eles as cirurgias plásticas, os procedimentos estéticos, o consumo desenfreado, a ditadura da moda, os cosméticos milagrosos ou uso de filtros nas lentes digitais para, então se exporem como objeto de desejo nas redes sociais (SILVA REY, 2011).

Contudo, o objetivo deste trabalho não é levantar a crítica contra o comportamento, possivelmente, alienado das mulheres, nem de apontar as mães como culpadas e responsáveis pelas “falhas” ao longo do processo de constituição dos sujeitos. Muito pelo contrário, pois, através da psicanálise compreende-se que cada fala diz de um lugar, cada sintoma diz de um sofrimento e que cada desejo encobre uma falta.

Assim, se perceber enquanto mulher, é se perceber enquanto ser faltante e é esta condição que as torna alienadas e dependentes ao olhar do outro. Recorrer aos adornos é a forma pela qual as mulheres, seres faltantes em sua natureza, encontram para, de algum modo, tornarem-se visíveis aos olhos do Outro. Deste modo, como afirmou Silva e Rey (2011, p.565): “elas são seduzidas e atraídas, para posteriormente, seduzirem e atraírem”.

Constitui uma dimensão própria da feminilidade a busca pela captura do olhar alheio, olhar tão importante que, na gênese de sua constituição, foi representado pelo olhar da figura materna. Assim, compreende-se que a beleza e seus ideais amplamente difundidos na sociedade contemporâneas possuem uma função psíquica importante na constituição do feminino e no processo do tornar-se mulher (ZALCBERG, 2003; VIEIRA, 2006; SILVA; REY, 2011).

Em sua obra *Feminilidade de 1933*, Freud afirma que a menina precisa despende de um trabalho psíquico maior para se constituir enquanto mulher, visto que para os meninos este processo seria menos complexo, dadas as insígnias fálicas recebidas desde o princípio. Assim, ele definiu o caminho da feminilidade como um trabalho de elaboração. E como todo trabalho de elaboração, necessita de uma luta que vai contra a construção psíquica e a lógica fálica, da qual todos os sujeitos estão submetidos (ZALCBERG, 2003; SAMICO, 2011).

Então é preciso após esta elaboração, um abandono de um movimento tipicamente masculino na menina, para ela poder vir a ser mulher e ocupar uma posição verdadeiramente feminina. Essa elaboração em direção a feminilidade acontece quando a menina abandona o laço pré-edipiano com a mãe e pode finalmente entrar no complexo de Édipo. Tornar-se mulher é um efeito desse abandono na fase pré-edipiana; então para a menina, todo o complexo de Édipo representa este trabalho de elaboração, que irá desembocar na possibilidade de uma construção de feminilidade subjetiva e exclusiva para si (VALDIVIA, 1997; ZALCBERG, 2003; SAMICO, 2011; SILVA; REY, 2011).

Logo, compreende-se a ideia de Lacan de que “a mulher não existe”. Haja vista que nenhuma mulher é igual a outra, porque todo o trabalho de construção de feminilidade é efeito de uma elaboração subjetiva, vivida de maneira única, solitária e particular, que se inicia quando a menina abandona o laço pré-edipiano com sua mãe. Nesse sentido, a célebre pergunta deixada

por Freud à Marie Bonaparte: “afinal o que quer uma mulher?”, pode encontrar alguma elucidação, em Lacan a partir da resposta: uma consistência para o seu ser.

Este estudo, embora tenha se concentrado na relação mãe e filha a partir da teoria Freudiana com algumas considerações trazidas por Lacan, constitui-se apenas um ponto de partida. Acerca desta temática há ainda muito a ser explorado, questionado compreendido; pois à medida que a psicanálise continua a evoluir, assim também deve evoluir a nossa compreensão acerca das diversidades presentes.

Assim sendo, conforme visto nos estudos, é extremamente importante considerar, também, o contexto atual das novas configurações familiares emergentes na sociedade contemporânea; bem como refletir esta relação estabelecida entre o “sujeito mãe” e o “sujeito filha” a partir das novas abordagens e concepções contemporâneas de gênero. Por fim, que este estudo inspire novos desejos para novas pesquisas que visem compreender as sutilezas e complexidades da vida dos sujeitos.

## REFERÊNCIAS

- COHEN, Ruth Helena Pinto. **Uma questão entre Psicanálise e Educação: sobre a Etiologia do fracasso escolar.** 2004. 233f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- CARNEIRO, Cláudia Aparecida; LAZZARINI, Eliana Rigotto. Origens e destinos da feminilidade em Freud e na contemporaneidade. **Revista de Estudos Psicanalíticos**, 2016.
- DUNKER, Christian Ingo Lenz; NETO, Fuad Kyrillos. Identidade e a degradação da carne. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, v. 6, n. 1, p. 111-124, 2006.
- DUNKER. **O que significa ter uma autoestima elevada?** | Christian Dunker | Falando nisso 156. São Paulo, 2017.
- ELIA, Luciano. **O conceito de sujeito.** Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2004.
- FARIA, Michele Roman. **Constituição do sujeito e estrutura familiar: o complexo de Édipo de Freud a Lacan.** Cabral Editora, 2014.
- FREUD, Sigmund. **O Ego e o Id e Outros Trabalhos** (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XIX). 1923.
- FARIA, Erika Vidal de; STARLING, Dannielle Rezende. Devastação feminina: o que pode uma análise?. **Stylus (Rio J.)**, Rio de Janeiro, n. 38, p. 155-164, jun. 2019. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1676157X2019000100009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676157X2019000100009&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 26 maio 2023.
- FREUD (1976). **Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina.** In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 18. Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1920).
- FREUD, S. (1972). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.** In; Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 7. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1905).
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**/Antônio Carlos Gil. - 5. ed. - São Paulo: Atlas, 2010.
- GUIMARÃES, Isabel Maria Chaves. **A relação mãe e filha e os impasses no caminho da feminilidade.** Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2013.
- JORGE, Marco Antônio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: vol. 1: as bases conceituais.** Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2021.
- LACAN, J. (1949) “O estágio do espelho como formador da função do eu”, *Escritos*. Rio, Jorge Zahar, 1998, pp. 96-103; Paris, Seuil, 1966, pp. 93-100.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. reimp. São Paulo: Atlas, 2003.

MACHADO, Lucienne de Almeida; ALMEIDA, Marcela Toledo França de. Quando chega a aurora: a relação mãe e filha sob a perspectiva da clínica psicanalítica. **Psicologia em Revista**, v. 25, n. 3, p. 1098-1119, 2019.

MARINI, Marisol. “Você poderá vomitar até o infinito, mas não conseguirá retirar sua mãe de seu interior” 1–psicanálise, sujeito e transtornos alimentares. **cadernos pagu**, p. 373-409, 2016.  
MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. Édipo em Freud: o movimento de uma teoria. **Psicologia em Estudo**, v. 9, p. 219-227, 2004.

NASIO, Juan-David. **Édipo**: o complexo do qual nenhuma criança escapa. Zahar, 2007.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração. **Universidade Federal de Goiás. Catalão–GO**, 2011.

ONS, Silvia. **Tudo o que você precisa saber sobre psicanálise**. Paidós, 2018.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico-2ª Edição**. Editora Feevale, 2013.

RIBEIRO, Marina Ferreira da Rosa. **De mãe em filha**: a transmissão da feminilidade. 2009.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Zahar, 1998.

SAIGH, Yeda Alcide. A auto-análise 150 anos depois de Freud. **Psychê**, v. 11, n. 20, p. 117-128, 2007.

SALIM, Sebastião Abrão. A história da psicanálise no Brasil e em Minas Gerais. **Mental**, v. 8, n. 14, p. X – XX, 2010.

SAMICO, Fernanda Cabral et al. **A relação mãe e filha e a aposta libidinal da mulher**. 2011.

SAMICO, Fernanda Cabral et al. Instagram, narcisismo e desamparo: um olhar psicanalítico sobre a exposição da autoimagem no mundo virtual. **Revista Mosaico**, v. 10, n. 2, p. 87-93, 2019.

SILVA, Diego Anizio et al. A constituição da sexualidade na psicanálise e a performance de gênero de Judith Butler: aproximações e distanciamentos. **TCC-Psicologia**, 2018.

SILVA, A.F.F; DIAS, C.Q.D; SILVEIRA, B.B; SAMICO, C.S. Feminino: uma construção a partir do não ser. **Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades**, Vassouras, v. 12, n. 2, p. 78-84, mai./ago. 2021.

SILVA, Heloisa Cardoso da e REY, Siloé. A beleza e a feminilidade: um olhar psicanalítico. *Psicologia: Ciência e Profissão* [online]. 2011, v. 31, n. 3 [Acessado 3 Novembro 2023], pp. 554-567. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-98932011000300009>>. Epub 22 Nov 2011. ISSN 1982-3703. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932011000300009>.

SIMÕES, Fátima Itsue Watanabe. **A desafetação no olhar da psicanálise: a função materna e a relação mãe-bebe.** 2012. 167 f. Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis-Universidade Estadual Paulista.

SOPEZKI, Daniela; VAZ, Cícero E.. O impacto da relação mãe-filha no desenvolvimento da autoestima e nos transtornos alimentares. **Interação em Psicologia**, Curitiba, dez. 2008. ISSN 1981-8076. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/7831/10255>>. Acesso em: 03 nov. 2023. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/psi.v12i2.7831>.

SOUZA, Roberta Del Grande de. **A autoestima de mulheres jovens e a relação mãe-filha: um estudo psicanalítico.** 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

TEIXEIRA, M. L.; BOCK, AMB; FURTADO, O. **Psicologias.** São Paulo: Saraiva, 1999.

VALDIVIA, Olivia Bittencourt. **Psicanálise e feminilidade: algumas considerações.** **Psicologia: ciência e profissão**, v. 17, p. 20-27, 1997.

VIEIRA, Karine Magalhães Fernandes. **O corpo da mulher em correção: subjetividade e cirurgia estética.** 2006.

ZALCBERG, Malvine. **A relação mãe & filha.** 20ª reimpressão. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

ZIMERMAN, David E. **Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica, clínica—uma abordagem didática: teoria, técnica, clínica—uma abordagem didática.** Artmed Editora, 2017.